

O Trabalhador

ANO IV

Redacção e Administração: R. Capelo, 1 - 1.º, Esq.
1 DE JANEIRO DE 1938

Director e Editor: Manuel da Anunsiação Soares
Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.º

Tip. União Gráfica R. de Santa Maria, 158 - Lisboa
QUINZENARIO - Avulso \$30

N.º 89

Em socorro da Família

II

Não fosse a nossa consciência impôr-nos o dever de voltar ao assunto, bastariam as cartas que recebemos dos operários a louvar o nosso último artigo, para vir tratar de novo deste grande problema de que depende o futuro da nossa própria Nação.

Tem-se ouvido, de facto, prêgar a necessidade de salvar a família, tem-se cantado louvores sem conta às famílias numerosas, atacam-se as uniões ilegítimas, maldizem-se os vícios familiares e criticam-se os rapazes que preferem viver solteiros a constituir família. Tudo isto é necessário que acabe, mas de nada vale dizê-lo. O que é preciso é dar meios aos indivíduos para que possam organizar uma família sã, honesta e feliz.

Emquanto assim se não proceder, andaremos a prêgar no deserto. Bem pior ainda: a nossa prêgação não passará de um escárnio lançado à cara dos que nós, injustamente, culpamos.

A família numerosa enriquece a Nação. Dá-lhe soldados, dá-lhe operários intelectuais e manuais, dá-lhe inteligências e vidas. Uma família de 6 ou 8 filhos contribui mais para o bem da Nação, do que uma outra com um ou dois. Um povo que tem como normal a família de 5 ou 6 filhos é um povo forte. A sua defesa está garantida, tem assegurada a sua preponderância internacional. No que respeita à vida interior da Pátria tal povo é um povo próspero, porque a família numerosa produz mais riqueza para a comunidade, do que a outra que o não é.

Pois entre nós a família numerosa está condenada, na sua maioria, a uma vida de miséria. Não há nada que a proteja, nada que a defenda, nada que a auxilie. Se o chefe de família tem meios, paga tanto ao Estado como aquêle que só tem um filho ou não tem nenhum. Se não os tem e vive do seu trabalho, recebe tanto para sustentar e educar os filhos, como aquêle que não tem nenhum. Assim a família numerosa, em qualquer dos casos, está condenada ou à mediocridade ou à miséria. Há neste regime de vida uma grande injustiça social que urge reparar, se queremos salvar a família.

Não se pode com efeito justificar que aquêle que mais cidadãos deu à Pátria, se veja forçado a educá-los pior.

Não se pode compreender que aquêle que contribuiu para maior riqueza da Nação se veja fatalmente condenado a sofrer mais miséria, a passar mais trabalhos e sofrimentos. O chefe de uma família numerosa é, mas não devia ser, o mais atribulado dos cidadãos.

Este aspecto da questão familiar é grave, mas ainda há outros piores. A insuficiência do salário paterno obriga a mãe de família a trabalhar fora do lar. Não há vida de família, não há educação possível, não há felicidade conjugal que resista a semelhante situação.

Pio XI, vendo os resultados perniciosos de tal sistema económico, proclamou que era «um péssimo abuso, que deve a todo o custo cessar, o de as obrigar (as mães), por causa da mesquinhez do salário paterno, a ganhar a vida fora das paredes domésticas, descuidando os cuidados e deveres próprios, sobretudo a educação dos filhos». (Quadragesimo Anno).

Efectivamente, a família numerosa que mais carecia do amparo da mãe é aquela que se vê mais privada d'êlo, porque as bocas são mais e o pão é o mesmo.

E ainda há quem procure agravar este estado lastimável de coisas, levado pelo desejo de auferir maiores lucros!

Da região de Fafe, Guimarães, Santo Tirso e Famalicao, chegam-nos apelos affitivos de muitos operários chefes de família que vêem os seus filhos de 14 e 15 anos a vadjar pelas ruas, sem a vigilância da mãe que, por necessidade, passa o dia na fábrica.

Os patrões não querem, parece, empregar os filhos menores, porque não desajam, por enquanto, ter aprendizes, a quem a lei agora obriga a pagar. E assim se está preparando uma geração de vândos.

Remédio?
Já o indicámos no nosso último número e é aquêle que todas as pessoas sensatas reconhecem como o único: a instituição de caixas de compensação que dêem ao operário chefe de família o suficiente para os seus. A mãe ficará a ser mãe e não há no mundo obra maior do que esta.

Felizes os povos que dão à família o amparo e o carinho que merecem.

Voltaremos ao assunto, para focarmos outros aspectos do problema familiar.

A. V.

Reclamações CONSULTAS

Nesta quinzena recebemos um par de reclamações! Foram numerosas e já vêm com indicações concretas e precisas. Há, porém, algumas que ainda ficam a meio do caminho. Por exemplo: «há uma fábrica aqui perto onde se não cumpre... etc.». Nós não queremos assim. É preciso dizer: «tal fábrica, situada em tal parte etc.». Mas vamos indo que as coisas estão já a ser compreendidas melhor.

Neste número não publicaremos as reclamações que recebemos, por duas razões. A primeira é que alguns pedem para não se publicar. A segunda é termos sério receio de que se venha a descobrir quem foi que mandou para cá a reclamação e sofra com isso. Por enquanto temos de andar com muita prudência.

Em todo o caso ficam de remissa as respostas a dar. O que podemos já garantir é que todas as reclamações, sem excepção, foram levadas ao conhecimento de quem de direito.

Alguns que abusaram já foram castigados, outros vão sê-lo e se alguns não puderem ser já, não perdem pela demora, se não se corrigirem.

Para nosso governo pedimos a fineza aos nossos prezados camaradas de nos dizerem se querem ou não que se publique a reclamação sempre que mandem alguma.

Isto para nos livrarmos de responsabilidades. Compreendêdes?
E tende confiança!

Sindicatos Nacionais

Sabemos estarem em formação os Sindicatos Nacionais dos Carpinteiros e dos Pintores do Distrito de Lisboa. Como sempre defendemos a entrada nos Sindicatos e a necessidade de eles se organizarem, aconselhamos a todos os nossos leitores do Distrito de Lisboa e que pertençam à profissão de Carpinteiros manuais ou mecânicos e a Pintores e fregidores a que se inscrevam. Depois de organizados é que se poderão obter regalias justas, impossíveis de alcançar na desunião.

Que nenhum deixe de se inscrever, é o conselho que o Trabalhador vos dá.

Enfermeiros, unir fileiras!!!

Podem-nos a publicação do seguinte artigo, o que fazemos com prazer por estarmos de acordo com o que nele se diz.

Após o advento corporativista de 1933 quasi todos os operários se reuniram, conjugando esforços que até aí andavam dispersos ou mal applicados, para atingirem uma melhoria material e um elevamento do seu nível moral quer individual, quer colectivo.

Conquanto fosse exemplo a seguir, nem todas as classes o fizeram, umas talvez porque a maioria dos seus elementos ainda, inconscientemente (?), seguem velhos temas e novas e ruinosas ideologias; outras porque os seus componentes dormitam criminosamente na indiferença por tudo

Foram-nos feitas as seguintes consultas:
1.º As férias aos operários são já obrigatórias este ano?

Resposta: são obrigatórias já este ano, para todos os que têm trabalho normal.

2.º Havendo um empregado sub-gerente de uma Fábrica de Lanifícios, poderá esse empregado acompanhar e fiscalizar o serviço do pessoal duma secção de cardação e fiado?

Resposta: Desde que observe o horário de trabalho, parece que nada impede que êle como sub-gerente, fiscalize o serviço do pessoal de qualquer secção da fábrica de que é sub-gerente.

3.º Havendo numa fábrica um mestre da secção de cardação e fiado que, por despacho do I. N. T. P., está isento do horário de trabalho, a fim de também fiscalizar, ter o patrão o direito de exigir de um empregado sub-gerente que fiscalize o serviço durante o tempo em que se trabalha com o 2.º turno?

Resposta: O sub-gerente, que não está dispensado do horário de trabalho, só pode trabalhar o que marca a lei. Para fiscalizar o 2.º turno precisava de dispensa do horário. Como já a tem o mestre da secção, para aquêle efeito, não parece que possam a vir ter os dois.

Em todo o caso só com dispensa do horário de trabalho é que o sub-gerente poderá fiscalizar o 2.º turno.

A pergunta não é lá muito clara e, por isso, a resposta pode não ser bem aquela que pretende o nosso prezado assinante.

Se não está bem, pedimos que volte a fazê-la em termos mais concretos.

N.º da R. Vamos abrir uma secção de consultas. Nela responderemos a todas as consultas e pedidos de informação que os nossos prezados assinantes nos queiram mandar.

Exigimos que venham assinadas, indicando do tanto quanto possível, o número da assinatura.

« O Trabalhador »

Deseja a todos os operários um ano melhor, mais feliz e mais santo...

mento da sua cristã missão de socorrer e aliviar próximo.

Se hoje, prezados Colegas, mais do que nunca se reconhece a necessidade da vida colectiva e do engrandecimento da vida, é já que nós e muitos para nos engrandecermos, engrandecemos a Sociedade a que pertencemos, só então seremos dignos da colectividade e esta digna de nós.

Há fúngos na nossa classe? Saibamos demolir e canteirizá-los, duma vez para sempre, usando o cántero, sempre bem maneado, da nossa consciência que deve ser, todavia, sã e escorreita.

Não, Colegas, não podemos nem devemos ficar inactivos.

O momento é de trabalho e não de indeferças, que podem levar aos piores fins. Deyemo-